

# FRANCISCO! EXEMPLO VIVO DE CRISTO: A ESTIGMATIZAÇÃO DO POBREZINHO DE DEUS

Alex Silva Costa

Adriana Zierer

## Introdução

A *Vita Prima* de Tomás de Celano é a primeira biografia ou legenda escrita sobre Francisco de Assis, foi feita no século XIII, na Idade Média Central, dois anos após a morte do santo em 1226. Fora elaborada a pedido do papa Gregório IX (1227-1241) em virtude da canonização do santo em 16 de julho de 1228, mesmo ano do lançamento da obra. O Sumo Pontífice da Igreja Católica era o protetor oficial da Ordem dos Frades Menores, antes de ser sucessor de Pedro, nessa época chamava-se cardeal Hugolino.

O autor, Frei Tomás era natural da cidade de Celano, situada na região dos Abruzos na Itália Central. Por volta de 1215 deve ter entrado para as fileiras franciscanas, por admissão do próprio Francisco. Em 1221 participou do capítulo geral da Ordem, a partir do qual fora decidido que iria juntamente com outros frades fazer parte da missão da Alemanha, a incumbência religiosa estava sob a chefia do Frei Cesário de Espira. Na Alemanha desempenhou o cargo de superior regional de Wormácia, Maciência, Espira e Colônia, retornou a Itália pouco depois do capítulo geral de 1223, falecera em 1260.

Segundo Le Goff todas as fontes biográficas escritas pelo grupo *moderado* do franciscanismo primitivo têm com principal referência as obras de Tomás de Celano, que as compôs a pedido de altas personalidades eclesiásticas, ressalta isso porque Celano além da *Vita Prima* escreveu a *Vita secunda*, e vários outros escritos sobre São Francisco, a respeito da primeira Le Goff enfatiza de maneira interessante que:

Essa vida, muito bem informada, silencia todo traço de dissensão dentro da Ordem, seja entre a Ordem e a cúria romana, faz o elogio de Frei Elias, então muito poderoso, e se inspira nos modelos historiográficos tradicionais: a vida de São Martinho de Tours, de Sulpício Severo, e a vida de São Bento, de Gregório Magno (LE GOFF, 2007, p.55).

A pesquisa analisa a personificação de São Francisco de Assis na pessoa de Jesus Cristo, tendo como fonte primária de estudo a *Vita Prima* de Tomás de Celano em consonância com a *Vita Secunda* do mesmo autor e a *Legenda Maior* de São Boaventura. Faz isso identificando a personificação a partir de etapas fundamentais da vida de Francisco, entre elas está a mensagem do crucifixo de São Damião, sua conversão e morte.

A obra de Celano nos demonstra passagens desse processo de busca e compreensão de Francisco pelo ideal representativo de Cristo e seu Evangelho. No entanto, tem como fator primordial para a defesa da caracterização do *peregrino de Deus* na figura de Cristo o episódio da estigmatização de Francisco de Assis ocorrido no Monte Alverne em 1124, quando o *poverello* “transforma-se” no *Cristo Medieval*.

### **Um pouco do grande Francisco**

Possuía Jesus de muitos modos: levava sempre Jesus no coração, Jesus na boca, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus em todos os outros membros (CEL I, 1997, p.263).

Um grande pequeno homem veio ao mundo no ano de 1181 ou 1182 para mudar pelo seu exemplo vida e representação humana a sociedade em que vivia. Foi a partir da construção de uma personalidade emblemática e intrigante, que era pautada em Cristo e seu Evangelho que Francisco se tornou um *divisor de águas* na história da humanidade.

Nasceu em Assis, uma cidade localizada na região da Úmbria. Seu nome era Giovanni di Pietro de Bernardone, é mais conhecido por nós como Francisco de Assis, viveu numa época de muitas guerras, epidemias e desvirtuamentos cristãos. A Igreja Católica estava em crise, com muitos conflitos internos e externos. Foi nesse contexto sócio-religioso do final do século XII e início do XIII que ele fora chamado por Deus para restaurar a sua igreja.

Era um jovem rico, alegre, que cantarolava com seus amigos pela cidade, gostava de farras e festas. Seus pais eram Mônica (Pica) uma senhora muito piedosa e Pietro Bernardone um rico mercador que trabalhava com tecidos. Francisco foi tentado pela vida cavalheiresca, e muito de sua personalidade está pautada no ideal da Cavalaria, queria ser um nobre cavaleiro, homem de armas, quase realizou seu sonho.

Participou da guerra entre Assis e Perugia em 1202, ocasião em que ficou um ano preso nesta cidade, sendo resgatado pelo pai devido a uma doença. Em 1205 parte para a guerra na Apúlia, mas volta após ter recebido visão e mensagem em Espoleto. Ao chegar em casa decide mudar a trajetória de sua vida; é nesse momento que começa a inquietação de sua conexão com o divino. É nesse tempo que recebe a *mensagem* do crucifixo de São Damião. São Boaventura o biógrafo oficial do santo a descreve na sua obra *Legenda Maior* aprovada pelo capítulo geral da Ordem de 1263:

Ao passar pela Igreja de São Damião, que estava prestes a ruir de tão velha, sentiu-se atraído a entrar e rezar. De joelhos diante do Crucificado, sentiu-se confortado imensamente em seu espírito e seus olhos se encheram de lágrimas ao contemplar a cruz. Subitamente, ouviu uma voz que vinha da cruz e lhe falou por três vezes: ‘Francisco vai e restaura a minha casa. Vês que ela está em ruínas’ (BOAVENTURA, 1997, p.469).

Esta mensagem marca a admiração de Francisco pelo Senhor Crucificado, ela é um dos marcos iniciais da busca do jovem Francisco pela sua identificação com o filho de Deus. Segundo Celano na sua *Vita Secunda*:

A tremer, Francisco espantou-se não pouco e ficou de fora de si com o que ouviu. Tratou de obedecer e se entregou todo à obra (...). Desde essa época, domina-o enorme compaixão pelo Crucificado, e podemos julgar piedosamente que os estigmas da paixão desde então lhe **foram gravados não no corpo mas no coração** (CEL II, 1997, p.294) (grifo nosso).

É desta maneira que vemos essa mensagem como um marco inicial da busca de Francisco pela identificação com o Cristo Crucificado. No Crucifixo de São Damião o Cristo está representado de forma glorificada porque já está ressuscitado. Devemos nos ater que a imagem do Cristo na cruz está mais voltada para a condição humana, o que entre outros fatores, a torna fundamental para a espiritualidade franciscana. Além disso, o Crucifixo possui uma interpretação *Joanina* bastante presente em sua simbologia como por exemplo o Cristo na cruz representando a luz do mundo. Para Van Optato Asseldonk seria:

Muito importante notar que o primeiro contato pessoal com o crucificado de São Damião, para Francisco chamado pelo nome Cristo ‘vivo’ (que fala!), foi ao mesmo tempo um contato cheio de consolação ou alegria divina e de compaixão, isto é, uma perfeita e íntima alegria no Crucificado, uma verdadeira ferida ou êxtase de amor doloroso e jubiloso; um amor que faz chorar e cantar ao mesmo tempo. Este é um aspecto pouco lembrado por aqueles que insistem na compaixão dolorosa de Francisco ao Crucificado. O mesmo êxtase de sofrimento e

de alegria ao mesmo tempo, o Santo o viverá por ocasião da estigmatização (ASSELDONK, 1989, p.19).

Em 1206 acontece de fato sua conversão, já que resolveu renunciar de maneira espetacular ao seu sonho de ser cavaleiro. Francisco seria daí por diante um *cavaleiro para Cristo*, sua armadura será uma túnica de eremita e sua espada o evangelho. Nessa data Francisco põe fim ao sonho de sucessão de seu pai que deseja vê-lo triunfar em seu lugar, isso acontece quando o *poverello* decide vender tecidos do estabelecimento comercial da família e juntar o dinheiro para ajudar os pobres e doá-lo a Igreja de São Damião para tentar reconstruí-la.

Fez tudo isso na ausência do pai, o mesmo ao saber do ocorrido ficara transtornado, causando escândalo público levou o filho até o bispo de Assis, Dom Guido II para tentar resolver a questão. É quando Francisco despoja-se de toda sua roupa em local público, e em seguida é coberto pelo Bispo, acompanhe o relato:

Despiu-se imediatamente, jogou ao chão suas roupas e as devolveu ao pai. Não guardou nenhuma peça de roupa, ficou completamente nu diante de todos. O Bispo, compreendendo sua atitude e admirando seu fervor e sua constância, levantou-se e o acolheu em seus braços, envolvendo-o na capa que vestia. Compreendeu claramente que era uma disposição divina e percebeu que os atos do homem de Deus que estava presenciando encerravam algum mistério (CEL I, 1997, p.189).

O mistério para Tomás de Celano é a confirmação definitiva da conversão de Francisco, agora tudo estava consumado, desde 1205 que o santo recebia sinais e visões espirituais, encontrava-se confuso sobre qual atitude deveria tomar. Além disso, o despojamento significa sua renúncia para a riqueza e nascimento para a pobreza; quando a autoridade eclesiástica o veste, representa o acolhimento da Santa Igreja pelo seu novo estilo vida. Sendo que estas observações só fazem sentido se levarmos em consideração as posições e obras dos franciscanos *moderados*.

Depois deste episódio, começa a cuidar dos leprosos, veste-se de eremita e inicia a restauração da capela São Damião, depois São Pedro e Santa Maria dos Anjos (Porciúncula). Passa a ser um restaurador da *igreja física* para mais tarde tornar-se um restaurador da *igreja espiritual*.

Junto com alguns de seus concidadãos começa a experimentar a pobreza e a servir a Cristo e seu evangelho. Com eles forma um grupo itinerante que tem como lugares de referência duas modestas Igrejas nos arredores de Assis, São Damião e

Porciúncula. Mas ao começar o seu novo estilo de vida, o peregrino é tido como louco, porque ninguém entendia suas atitudes e como Cristo se manifestava na sua figura, no entanto, o *mendigo de Deus* não se rendeu aos desafios e conseguiu novos adeptos.

Formou um grupo intinerante que tinha como preceito a prática literal do evangelho, a penitência e a pobreza, esses modelos de vida não agradavam a todas as pessoas da época, o que gerou muitos conflitos entre os nobres e os comerciantes que viam seus filhos deixar suas casas para irem ao encontro de Francisco. As autoridades eclesiásticas temiam o grande sucesso do empreendimento franciscano, o que resultou em ataques contra os frades e até mortes, isto entristeceu Francisco e o levou até Roma em 1210 para pedir a bênção e autorização do Sumo Pontífice. Teve a bênção e o reconhecimento de sua fraternidade após um diálogo difícil com o papa Inocêncio III.

Ele queria ter a aprovação do papa, ou seja, queria ser obediente e não um contestador da autoridade máxima da Igreja, Inocêncio III, no momento. “Francisco está convencido do primado do poder espiritual sobre o temporal, mais ainda, está convencido de que o vigário de Cristo possui as duas forças, os dois poderes” (LE GOFF, 2007, p.72). Este fato é característico no santo e o distingue claramente dos reformadores de então.

Em 1123 Francisco redige uma nova regra, aprovada pelo papa Honório III (Regula Bullata). A Ordem ficou composta de clérigos e leigos divididos em torno dos princípios do franciscanismo primitivo. Essa nova regra além ser composta por ele, teve que ser reescrita por exigência do papa, sendo definitivamente aprovada na data citada acima, depois que Francisco suprimiu as passagens mais provocativas sobre a pobreza e a vida comunitária, sobre os cuidados que se tinha que ter com os pobres, leprosos e mendigos, ou seja, com os *menores*.

### **A personificação de Francisco na figura de Cristo**

Quando se passou 20 anos de seu chamado inicial, no ano de 1224, faltando apenas dois anos para a sua *passagem* do plano terrestre para o celeste, iniciou um retiro de quaresma em honra a São Miguel Arcanjo no monte Alverne na Itália Central. O peregrino de Assis mergulhado em profundo êxtase pedia a Deus uma resposta, enquanto sua alma se mesclava entre a tristeza e a alegria, o pai seráfico na sua

incansável contemplação a Cristo recebe de Deus de maneira milagrosa e familiar, possivelmente no dia 14 de setembro, a confirmação da sua busca:

Dois anos antes de entregar sua alma ao céu, teve uma visão de Deus em que viu um homem, com aparência de Serafim de seis asas, que pairou acima dele com os braços abertos e os pés juntos pregado numa cruz. Duas asas elevaram-se sobre a cabeça, duas estendiam-se para voar e duas cobriam o corpo inteiro (CEL I, 1997, p.246).

Francisco ficara admirado e confuso, ainda não tinha entendido o significado da visão. O fato do Serafim está crucificado o deixara em estado de inquietude e contemplação, o que estava prestes a acontecer naquele momento, não só confirmaria sua busca pela *perfeição evangélica* quanto atingia o apogeu de sua identificação e personificação em Cristo. O filho de Deus tornou-se concreto na sua pessoa, ele seria a representação humana do Cristo crucificado, atente a descrição:

Sua inteligência ainda não tinha chegado a nenhuma clareza, mas seu coração estava inteiramente dominado por esta visão, quando, em suas mãos e pés começaram a aparecer, assim como as vira pouco antes no homem crucificado, as marcas de quatro cravos. Suas mãos e pés pareciam atravessados bem no meio pelos cravos, aparecendo as cabeças no interior das mãos e em cima dos pés, com as pontas saindo do outro lado. Os sinais eram redondos no interior das mãos e longos no lado de fora, deixando ver um pedaço de carne como se fossem pontas de cravos entortadas e rebatidas, saindo para fora da carne. Também nos pés estavam marcados os sinais dos cravos, sobressaindo da carne, o lado direito parecia atravessado por uma lança, como uma cicatriz fechada que muitas vezes soltava sangue, de maneira que sua túnica e suas calças estavam muitas vezes banhadas no sagrado sangue (CEL I, 1997, p.246-247).

É neste momento milagroso e intrigante que Francisco recebe o *Carimbo de Deus*, que eram as chagas do Cristo crucificado. Tornava-se o primeiro estigmatizado do Cristianismo e o único reconhecido oficialmente pela Igreja Católica. O peregrino de Assis se transformaria naquele momento no exemplo vivo de Cristo. Segundo Le Goff é quando “Francisco termina sua caminhada à imitação de Cristo, é o ‘servo crucificado do Senhor Crucificado’, senti-se confirmado em sua missão pelos estigmas” (LE GOFF, 2007, p.89).

O grande milagre da estigmatização de 1224 é o estágio máximo da personificação de Francisco na figura de Cristo. É quando o santo transcende a sua condição humana e legitima sua entrada na hierarquia celeste. O peregrino de Assis torna-se *imagem e semelhança de Cristo crucificado*, e transforma-se no *Cristo Medieval*.

Leonardo Boff concebe o episódio do Monte Alverne como momento sublime de identificação corporal de Francisco com o seu grande referencial de vida:

A vontade de identificação de Francisco com o Cristo crucificado conseguiu, por obra e graça de Deus, fazê-lo também crucificado. Agora já não há mais tentação de fidelidade. Há uma *inscrição na carne* cujo código de leitura é acessível a todos os que, na fé, puderem ler: os estigmas, *senal da verdade* de Jesus Cristo (BOFF, 2002, p.169) (grifo nosso).

Para São Boaventura Francisco prefigura o anjo que sobe do oriente carregando o selo do Deus vivo, conforme a predicação verídica do outro amigo do esposo, o apóstolo e evangelista São João: “Ao abrir-se o sexto selo, vi outro anjo subindo ao nascente carregando o selo do Deus vivo” (Ap 7,12). E acrescenta ainda:

Considerando a perfeição de sua extraordinária santidade, chegaremos sem dúvida algum dia a convicção de que esse mensageiro de Deus era o seu servo Francisco, que foi achado digno de ser amado por Cristo, imitado por nós, e admirado pelo mundo inteiro. Pois enquanto viveu entre os homens, imitou a pureza dos anjos, tornado-se um exemplo para os seguidores de Cristo. Mas o que nos confirma nesses sentimentos é a prova irrefutável de sua verdade: o selo que fez dele a imagem do Deus vivo, isto é, do Cristo crucificado, o selo impresso em seu corpo, não por uma força natural nem por algum recurso humano, mas pelo poder admirável do Espírito do Deus vivo (BOAVENTURA, 1997, p.462).

Francisco com sua crucificação se personificava na figura de Cristo. A sua estigmatização o torna detentor de uma singularidade sobre os outros santos até então, a graça alcançada o transforma no *Alter Cristus*, ou seja, no *Outro Cristo*. Isso *a priori* o deixa confuso, tanto que ele procurava esconder seus estigmas envolvendo pés e mãos com ataduras, sendo que poucas pessoas tocaram suas chagas em vida.

O peregrino de Assis se transformou em mais um crucificado a ser compreendido e estudado pelas transformações que causou na religião, sociedade e imaginário medieval. O *poverello* conseguiu levar ao extremo a sua admiração e identificação por Cristo e seu evangelho, ele era a representação do próprio Messias no medievo, ou seja, o *Cristo Medieval*.

### **Considerações Finais: O segundo verbo que habitou entre nós**

Acorriam os frades seus, chorando, beijavam as mãos e os pés do piedoso pai que os deixava e também o lado, cuja chaga era uma lembrança preclara daquele que também derramou sangue e água desse mesmo lugar e assim nos reconciliou com o Pai. Para as pessoas do povo era o maior favor serem admitidas não só para beijar, mas até só

para ver os sagrados estigmas de Jesus Cristo, que Francisco trazia em seu corpo (CEL I, 1997, p.261).

A citação acima se refere ao *Trânsito* (passagem do plano terrestre para o celeste) de Francisco e relata de maneira emblemática a movimentação das pessoas da época para tocarem nas sagradas relíquias carnis do santo, não é a toa que há a criação de um grande sistema de proteção em volta dos últimos momentos da sua vida.

Seu corpo fora vigiado por guardas de Assis na capela de Porciúncula para preservá-lo tanto de uma possível investida inimiga dos *Infiéis* quanto do avanço populacional, tudo isso era controlado pelo tão contestado Frei Elias, na época na direção da Ordem dos Frades Menores.

Na capela o *poverello* italiano despede-se em semelhança a Cristo, para até na morte evocar a memória das últimas realizações do salvador. É nesse momento que segundo Le Goff:

Francisco alcança os últimos gestos da imitação de Cristo dos quais, antecipadamente, recebeu, através dos estigmas, a marca final. A 2 de outubro, reproduz a ceia. Benze e parte o pão e o distribui a seus irmãos. No dia seguinte, 3 de outubro de 1226, recita o Cântico do irmão sol, lê a paixão no Evangelho de João e pede que o depositem na terra sobre um cilício coberto de cinzas. Nesse momento um dos seus irmãos vê de repente sua alma, como uma estrela, subir direto ao céu (LE GOFF, 2007, p.91).

Foi no anoitecer do dia 03 de outubro de 1226 em Porciúncula que partiu deste mundo para o Pai, o pobrezinho Francisco. Ao morrer um frade que era seu discípulo teria visto a alma do santíssimo subindo diretamente para o céu, acima das águas. Era como uma estrela, tendo de alguma forma o tamanho da lua, retinha toda a claridade do sol e levava embaixo uma nuvenzinha branca. Esse episódio descrito tanto na *Vita Secunda* de Celano quanto na *Legenda Maior* de São Boaventura, e também por Le Goff simboliza a legitimação da idéia de que Francisco no seu *Trânsito* já estava santificado.

O bem-aventurado pai Francisco fez tudo isso com perfeição, e até reteve a figura e a forma do Serafim, porque preservou na cruz e mereceu voar para a altura dos espíritos sublimes. Esteve sempre crucificado porque nunca fugiu de trabalho ou dor só para cumprir em si mesma e consigo mesmo a vontade de Deus (...). Apresenta, ó Pai, a Jesus Cristo, Filho do sumo Pai, os seus sagrados estigmas, e mostra os sinais da cruz no lado, nos pés e nas mãos, para que ele se digne ter a misericórdia de mostrar suas próprias chagas ao Pai, que, na verdade,

por causa disso, sempre se deixará aplacar por nós, pobres. Amém!  
Assim seja! Assim seja! (CEL I, 1997, pp.263-266).

No dia 04 de Outubro, Francisco já havia alcançado a glória celeste, quando foi sepultado na Igreja de São Jorge em Assis. Sendo interessante ressaltar que o cortejo fúnebre passa antes pelo mosteiro de São Damiano para a despedida de Clara e suas irmãs. Além do mais, não restavam dúvidas que o peregrino de Deus era um santo em vida, como prova possuía a autenticação, ou o *Carimbo de Deus*, que era os seus sagrados estigmas:

Se o testemunho não fosse tão evidente, mal poderiam acreditar. Brilhava nele uma representação da cruz e da paixão do Cordeiro imaculado, que lavou os crimes do mundo, parecendo que tinha sido tirado havia a pouco tempo da cruz, tendo as mãos e os pés atravessados pelos cravos e o lado como que ferido por uma lança (CEL I, 1997, p.260).

No entanto, prefiro terminar com uma visão descrita na *Vita Secunda* de Tomás de Celano: quando da morte do pai Francisco, um frade de vida louvável, estava suspenso em oração naquela noite e hora quando:

O glorioso pai apareceu vestido com uma dalmática cor de púrpura, acompanhado por uma multidão de pessoas. Muitos, que saiam dessa multidão, disseram ao frade: “ó frade, será que esse é o Cristo”? Ele respondia: “É ele mesmo”. Mas outros também perguntavam: “Mas não é São Francisco?” O frade também dizia que era ele mesmo. E de fato, tanto para o frade como para todo aquele povo, dava a impressão de que Cristo e São Francisco eram uma só pessoa. Os verdadeiros inteligentes não vão achar temerária essa afirmação, porque aquele que adere a Deus torna-se um só espírito com ele, e o próprio Deus vai ser um só em todos no futuro (CEL II, 1997, p.443).

Foi exatamente isso que tentou-se demonstrar nessa pesquisa, que Francisco era no medievo a representação do próprio Messias. Através da hagiografia medieval sobre o santo percebe-se isso bem claro no imaginário cristão; que Francisco personificou-se na figura de Cristo, que estavam amalgamados um no outro. Consolidando a partir de então um novo estilo de vida e espiritualidade cristã. Francisco foi um verbo que se fez carne e habitou entre nós. E contemplou-se sua glória: glória de ser *imagem e semelhança* de Cristo, cheio de amor e fidelidade.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Primárias:

BOAVENTURA, São. **Legenda Maior e Legenda Menor**; tradução Frei Romano Zaco, O.F.M. **IN Escritos e biografias de São Francisco de Assis/Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano**. Seleção e organização: Frei Ildelfonso Silveira, O.F. M e Orlando dos Reis. 8º edição, Petrópolis: Vozes, 1997.

CELANO, Tomás de. **Vita Prima e Vita Secunda de São Francisco (I e II)**, Frei José Carlos Pedroso. **In-Escritos e biografias de São Francisco de Assis/Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano**. Seleção e organização: Frei Ildelfonso Silveira, O.F. M e Orlando dos Reis. 8º edição, Petrópolis: Vozes, 1997.

### Obras Gerais:

FRANCO JÚNIOR, Hilário, 1948-**A Idade Média: nascimento do ocidente**. 2º. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2001.

LE GOFF, Jacques. **As Raízes medievais da Europa**; tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2007.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 5ºed.revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2002.

### Obras Específicas:

ASSELDONK, Van Optato, O.F.M.Cap. **O Crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco**. Tradução: Danilo Biasi, O.F.M.Cap. CEFEPAL: Ed. Vozes, Petrópolis, 1989.

BOFF, Leonardo. **A oração de São Francisco: Uma mensagem de Paz para o mundo atual**. Ed. Sextante, Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. São Francisco de Assis: **Ternura e Vigor; uma leitura a partir dos pobres**. 9ºed. Ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Tradução: Marcos de Castro. 8ºed. Rio de Janeiro: Record,2007.